

Intervenção de José António Soares, Presidente do Município da Madalena

[cumprimentos]

Queridos amigos, a Chamarrita constitui, indubitavelmente, um dos maiores legados dos nossos antepassados, assumindo-se no seu âmago como um riquíssimo património cultural dos Açores. É, portanto, com enorme orgulho que me junto a todos vós na apresentação deste livro; orgulho em constatar que desta forma as tradições picoenses se respeitam, se renovam e se projetam no futuro; orgulho profundo, ao ver que este ex-libris da nossa cultura é um veículo de unificação das comunidades açorianas, uma poderosa aliança entre todos nós.

O livro fala por si, espelhando em cada uma das suas páginas o árduo labor dos seus autores, em maximizar a conservação das nossas tradições e de promover este singular legado picoense.

Foram dois anos de recolha exaustiva de cantigas, que mergulham na profundidade da alma picarota, comunicando um passado preenchido de luta titânica pela sobrevivência e de tamanhas epopeias dos homens desta terra.

Mas como disse, o livro fala por si, e outros mais vocacionados para a literatura e a ciência etnográfica dele falarão seguramente com maior propriedade. Seja como for, é para mim imperativo dedicar uma palavra de agradecimento à Universidade Sénior, aos alunos que dedicadamente participaram nesta exemplar recolha e ao seu professor coordenador, o nosso amigo Manuel Serpa, por nos presentear com esta obra, que ao submergir nas remanescências da cultura picoense, assume-se como um Hino ao nosso povo.

A Universidade Sénior é um exemplo a seguir. Cumpre, com generosidade e competência, o imprescindível objetivo de dignificar o papel social e cultural de todos aqueles que pretendem continuar a ser

Intervenção de José António Soares, Presidente do Município da Madalena

cidadãos ativos e interventivos na sociedade, independentemente da sua idade.

Aos saberes adquiridos ao longo das suas vidas, a Universidade Sénior faculta novos conhecimentos – e igualmente o saber incalculável que é o de experiência feita, seiva refinada pelo tempo.

É, por isso, com muito orgulho, que hoje apresentamos este livro aqui, na Casa do Triângulo, dando a conhecer a todos vós mais um exemplo de excelência da atividade da Universidade Sénior, em particular porque se trata de contribuir para o conhecimento e preservação da nossa secular cultura. A comunidade picoense e açoriana pode orgulhar-se da Universidade Sénior da Madalena e dos seus professores, alunos e colaboradores.

Orgulho ainda por me encontrar num local tão especial como a Casa do Triângulo, que tem honrado, de forma exímia e distinta, a cultura açoriana, representando as Ilhas do Triângulo notavelmente e apoiado, de forma abnegada e altruísta, os naturais destas ilhas deslocados em São Miguel.

Defender a tradição, como se fez no trabalho de campo e nesta obra impressa, é um acto com profundo significado, porque a Chamarrita se é diversão é, igualmente, um meio de conservação da memória e da identidade, contribuindo exemplarmente no fortalecimento de laços através dos quais nos sentimos um povo. Um povo que se reconhece assim diferente, mas um povo em comunhão com outros, num jogo de diferenças que culmina no fortalecimento de todos.

Por tudo isto, e muito mais, as chamarritas fazem parte da Cultura Imaterial do nosso povo, que as vivencia e as partilha de um modo intenso e particular.

Por esta razão, reitero o desafio lançado precisamente no dia em que esta obra foi lançada: o Executivo camarário da Madalena irá pugnar para que as Chamarritas sejam elevadas a Património Imaterial do Concelho.

Intervenção de José António Soares, Presidente do Município da Madalena

E mais uma vez volto a lançar o desafio ou o convite - se assim o quisermos considerar - aos outros executivos camarários das ilhas do Pico e do Faial para que procedam, também, do mesmo modo, a fim de que as Chamarritas passem a constituir formal e institucionalmente uma expressão do Património Imaterial não só da Madalena, mas destas ilhas.

Estas ilhas com elos seculares, tão bem representados em mais um trabalho de excelência da Universidade Sénior, que a oito de Marco inaugurou a Exposição “Barcos de Boca Aberta”, celebrando os estóicos homens do mar picoenses, com a galeria “ Os Imortais do Canal”, no âmbito das comemorações dos 290 anos da Município, que este ano foram celebrados sob o signo das “Memórias do Canal”.

Um Canal, que tal como as Chamarritas, também representa um legado comum e um valioso instrumento de união e de potenciação dos traços identitários.

Já no século XVI, Gaspar Frutuoso salientava esta indelével marca unitária do Canal. Alguns séculos mais tarde, era a vez de Raul Brandão reforçar a relação singular entre Pico e Faial, dando-nos outra dimensão das relações entre estas duas ilhas suportadas pelo canal, quando refere que “(...) o Pico não passa sem o Faial, onde compra o milho e o trigo, e o Faial sem o Pico, que lhe fornece o vinho, a lenha e as frutas (...)”.

Esta relação entre as duas ilhas é única no arquipélago e é com relações desta natureza que se atinge a verdadeira dimensão arquipelágica das ilhas.

Se assim foi ao longo da história, ainda hoje o é, mesmo na presença de meios de comunicação e tecnologias bem mais avançadas do que em outros tempos. O canal continua, e continuará sempre, a desempenhar uma ativa função na ligação das duas ilhas, das suas gentes e, consequentemente das suas idiossincrasias culturais.

O canal é um fator de união, de simbiose, de coesão, que ultrapassa a sua própria dimensão física, para se situar numa dimensão patrimonial imaterial ou intangível.

Intervenção de José António Soares, Presidente do Município da Madalena

Assim, o são também as Chamarritas. E, por isso, meus amigos, aqui vos anuncio a suprema pretensão da Câmara Municipal da Madalena, em que este livro seja parte integrante do Espólio Museológico da Casa das Memórias do Canal. Esta pode-vos parecer uma associação improvável, mas efetivamente, Canal e Chamarritas assumem-se indubitavelmente, como parte intrínseca da história e da cultura madalenenses, constituindo-se elos de ligação entre povos e culturas. E, se é verdade que as singularidades de cada comunidade são a sua marca identitária, também o é a imperatividade de encontrar unidade na diversidade. Não nos esqueçamos, que a cultura deve unir e nunca separar.

Resta-me formular o desejo, como cidadão da Ilha do Pico - um picoense amante da sua terra – e como Presidente do Município da Madalena, que muitos projetos semelhantes a este possam ver a luz do dia. Pela nossa parte, constitui suprema pretensão da autarquia da Madalena, continuar a apostar em iniciativas promotoras de um envelhecimento ativo e participante, que estimulem a solidariedade intergeracional e que, simultaneamente, dignifiquem a cultura picoense.

Este livro simboliza tudo isso – exemplarmente.